

# **ESPÍRITO DE CAFH**

©2015 CAFH  
Todos os direitos reservados

## ÍNDICE

1. A MENSAGEM DA RENÚNCIA .....	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
2. ESTE É O REGULAMENTO .....	4
3. REUNIÃO DE ALMAS .....	6
4. O CORPO MÍSTICO .....	8
5. O AMOR AOS VOTOS .....	13
6. A LEI DA RENÚNCIA .....	16
7. A RELIGIÃO UNIVERSAL .....	18
8. A FÉ.....	20
9. O SUPERIOR FRENTE A ALMA.....	22
10. O SUPERIOR GUIA DA ALMA .....	24
11. O SUPERIOR COMO DIRETOR ESPIRITUAL.....	26
12. A TAREFA DO ORADOR	28
13. EXPOSIÇÃO DA ENSINANÇA.....	31
14. OS BENS INTRÍNSECOS DE CAFH.....	33
15. TEMPO DIMENSIONAL E TEMPO EXPANSIVO.....	35
16. TRANSMISSÃO DA MENSAGEM DA RENÚNCIA.....	37

## **A MENSAGEM DA RENÚNCIA**

### *Ira. Ensino*

A Renúncia é o único caminho para a salvação do mundo e não há outro caminho de salvação para a alma fora da Renúncia.

Isto não é somente um postulado doutrinário, mas a lei essencial e contingente do universo e da humanidade.

O Filho de Cafh há de transmitir à todas as almas a Mensagem da Renúncia, porque as verdades mais simples e claras são sempre ignoradas pela humanidade.

O Filho de Cafh não transmite às almas a Mensagem da Renúncia de um modo determinado, senão fazendo-se ele mesmo um canal vivo pelo qual se transmite a Mensagem, ele mesmo é a expressão viva da Mensagem, ele mesmo é a Mensagem.

O Filho, quando ingressa em Cafh como Patrocinado, há de conhecer a Mensagem da Renúncia sem demoras. Se o Filho não é posto imediatamente em contato com a Mensagem da Renúncia se perde. Muitas almas se afastam do Caminho porque não se lhes põe em contato imediato com a verdade que buscam confusamente, e pela qual não são chamadas. Deter aos Filhos nos princípios com doutrinas atenuantes ou de transição é frustrá-los.

O Filho Patrocinado de imediato há de receber e conhecer a Mensagem da Renúncia.

A Mensagem da Renúncia é dada ao Filho Patrocinado como uma Ideia, uma Ideia fundamental, irrefutável, única.

O Filho Solitário de Cafh pratica a Mensagem da Renúncia.

A Ideia conhecida pela mente do Filho é sentida, se faz sentimento íntimo profundo, se assenta definitivamente no coração.

O Solitário, paulatinamente, faz da Mensagem da Renúncia seu ponto de concentração e de sentir, o expande e amplifica continuamente dentro de si, faz desta unidade de ideia e de sentimento uma força que dissipa aos poucos todas as outras ideias e sentimentos. Se diz dissipa porque nenhuma ideia ou sentimento necessários à sustentação e desenvolvimento da vida podem ser suprimidos; suprimi-los seria potencializá-los e dá-lhes uma força que sobrepuja as demais ideias e pensamentos.

A Ideia Única da Mensagem da Renúncia translada as ideias e os sentimentos comuns e habituais a um plano superior racional emotivo, assim como já foi feito em geral pela alma com as impressões e sentimentos vegetativos.

O Filho Ordenado vive a Mensagem da Renúncia, ele mesmo é a Mensagem.

O Filho Ordenado que vive a Mensagem da Renúncia entre as almas que seguem uma via unilateral, necessariamente transforma seu viver em um padecimento continuado.

Vive uma vida divina em contato com uma vida humana, e isto é necessariamente padecer. Seu padecimento se transformará em imolação, porque não poderá viver a plenitude de sua vida divina até que todas as almas sejam liberadas pela Mensagem da Renúncia.

O Filho de Cafh conhece, prática e vive a Mensagem da Renúncia de modo contingente pelo cumprimento de seu juramento e de seus votos, e de modo unitivo pela oferenda e o holocausto.

## **ESTE É O REGULAMENTO**

### *2da. Ensino*

A alma, ao pôr-se em contato com a Grande Corrente, fica de imediato transformada: de ser humano se transforma em um ser divino, e assim como um homem têm leis e normas naturais que cumprir, o ser divino, logo que se transforma em tal, fica submetido a leis e normas espirituais.

O Regulamento de Cafh não é, então, um conjunto de leis e normas impostas senão o modo de viver espontâneo e espiritual dos Filhos. Por isso ele começa com estas palavras: “Este é o Regulamento de Cafh”. Não diz este texto, estas normas, estas leis, mas simplesmente “Este”, pois ele é a força motriz do espírito gravada no coração dos Filhos.

O modo como o Filho expressa esta lei na vida é a norma escrita que segue ao primeiro parágrafo do Regulamento.

É a voz da Divina Mãe falando ao ouvido e ao coração dos Filhos, como se houvesse condensado em suas Ensinaças todos os valores dos códigos sagrados e dos caminhos místicos, como se houvesse dado uma fórmula da Ideia Mãe, uma expressão que fora a síntese das normas e do modo de viver dos Filhos de Cafh: a Lei Única.

Esta voz viva da Divina Mãe chega com a vocação espiritual a cada um dos Filhos e em cada um grava o Regulamento em seu coração. Por isso São Paulo escreve também a seus fiéis: “Vós sois a carta de Cristo”.

Mas as leis naturais do homem e a razão humana continuamente lutam contra o ser espiritual, que corre assim perigo de esquecer a voz e a Ensino Divina. Por isso foi necessário que essa lei divina gravada no coração do Filho fora, ademais, transmitida em linguagem escrita, como um sinal de recordação e confirmação.

Se assim não fosse o Regulamento de Cafh seria também uma lei humana, difícil de sobrelevar e desligada da vontade do homem.

Todas as leis, mesmo as mais pesadas, tem sentido quando são expressadas e adaptadas às circunstâncias do momento. Mas através das mudanças e do tempo elas se convertem em jugo, em duras correntes, e a luta dos homens tem sido sempre um esforço por romper essas correntes e adquirir sua própria liberdade.

Isto não passará aos Filhos se não humanizam as normas divinas que hão recebido, quer dizer, se não fazem do Regulamento algo estranho a eles, se sempre o vivem e expressam em sua vida como um hábito

espontâneo, como uma modalidade de seu ser íntimo, como uma irradiação da Lei Divina que mora em sua alma. Mesmo quando esta lei aparentemente custe cumpri-la não deve tomar-se nunca como um esforço imposto, senão como uma técnica espiritual, como uma disciplina ascética e única para lograr o fim proposto.

É necessário que todas as vezes que a ilusão racional leve o Filho ao mundo das sombras a voz do Regulamento se faça escutar e o encaminhe pela boa senda.

É necessário que quando a fraqueza humana tende a amortizar no Filho a lei divina depositada em sua alma, o Regulamento escrito avive sua memória. Até poderia ser que através do tempo o que foi escrito na alma dos Filhos passe por épocas de escuridão e esquecimento, e então será esta lei escrita a que fará ressurgir as almas escolhidas, a que voltará a despertá-las para que escutem a Voz Divina.

As primeiras palavras são, então, fundamentais: “Este é”. São expressão da essência do Regulamento de Cafh e da Ideia Mãe. São o símbolo da fonte da Revelação Primeira. São o selo das almas. São o incentivo da vida, presságio de um triunfo espiritual seguro.

Estas palavras dizem ao Filho que este escrito há de desaparecer para ele porque ficará escrito em sua alma permanentemente.

O Regulamento, por um dom de graça adquirida, pelo esforço místico da Lei Divina feita realidade, se manifestará no Filho, viverá no Filho; o Regulamento e o Filho serão uma só coisa.

## REUNIÃO DE ALMAS

### *3ra. Ensinança*

Os homens, para poder conviver entre si, necessitam uma participação recíproca de feitos e de hábitos.

Estes feitos e hábitos são a origem e resultados, ao mesmo tempo, dos laços de sangue, das obrigações coletivas, das sucessivas leis, da adaptação ambiental, da eficiência do trabalho e da estabilidade de residência.

Estes feitos e hábitos, pelas circunstâncias e necessidades, uma vez que obrigam o homem a viver e a estar obrigado para com os outros homens, lhe dão ao mesmo tempo o privilégio de intercambiar e beneficiar-se.

Mas esta união de homens, sujeita à sucessão de feitos e à relação de hábitos, é temporária, não perdura; está sujeita às mudanças, às alternativas, às separações e a dor.

Os Filhos de Cafh, ao pôr-se em contato entre si, transformam a união de homens em união de almas.

Diz-se “União de almas” porque os Filhos não se comunicam entre si por laços humanos, por feitos ou hábitos comuns, mas somente por uma semelhança anímica de aspirações comuns, expansiva até o eterno, o infinito.

Esta semelhança anímica expansiva gera não uma força humana, mas uma força sobrenatural, espiritual, divina.

Por isso a reunião de homens é uma força humana com resultados transitórios, enquanto a reunião de almas é uma força divina com resultados permanentes.

A reunião de almas de Cafh então, ao não ser humana senão divina, tem o bem supremo da perdurabilidade. Permanece através de todos os acontecimentos, de todas as distâncias, de todos os câmbios, de todos os tempos.

Os Filhos de Cafh por esta divina reunião afirmada e consagrada pelos votos e o juramento ficam física, mental e espiritualmente unidos entre si, não há poder capaz de separá-los.

Quando os Filhos não estejam reunidos, a força de sua união traça caminhos magnéticos no espaço que os reúne continuamente, por mais distantes e afastados que se encontrem, pois um só é o Caminho dos Filhos de Cafh. Mesmo se eles não se conheçam, a voz de todos se une em uma conversação sobrenatural para proclamar a Ensinança. A imagem de um é a imagem de todos, pois todos se identificam no Corpo Místico de Cafh com seus Corpos de Fogo.

Esta reunião de almas é única na terra porque amalgama forte, divina e sobrenaturalmente entre si aos Filhos, os quais ao participar da Grande Obra que não tem ponto de apoio exterior e humano algum, não podem sofrer dispersão de energias, já que esta flui sobre o mundo unicamente através do Poder da Grande Corrente.

O único símbolo de reconhecimento exterior que tem as almas de Cafh é o suave vínculo da amizade.

A amizade é o reflexo do que é a união das almas no íntimo, já que a amizade faz unir e amar entre si aos seres pela simples razão que se sentem inclinados a isso e por nenhuma outra causa.

A amizade dos Filhos é uma participação de virtudes comuns, é uma expressão de dotes morais semelhantes, é um conhecimento recíproco e amoroso de todos os conhecimentos da Ensinança. É um incentivo para refletir entre si a própria capacidade anímica expansiva.

A amizade dos Filhos faz deles centros potenciais semelhantes, Corpos de Fogo resplandecentes, canais vivos que não reduzem e limitam a humanidade, senão que emanam abundante poder de realização sobre ela.

Os Filhos de Cafh que hão passado ao além permanecem, ainda vivos entre os Filhos da Terra Sua vivência é permanente nas Távolas pela lembrança e a eficiência de conhecimentos e de amor.

Estes Filhos das Távolas Astrais vivem aqui, por sua mesma força espiritual, através de suas obras, de seus trabalhos, de suas ensinaças e de seus esforços.

A reunião de almas de Cafh é então tão excelente e extraordinária que transcende todos os limites, penetra nos recantos mais afastados do mundo, entra na alma de todos os seres.

É uma vibração posta em movimento que há de mudar a face do mundo.

## **O CORPO MÍSTICO**

### *4a. Ensino*

Cafh é essencialmente divino; em si é não determinado. Por isso sua manifestação através do Corpo Místico é integral.

Cafh é ideia simples que se multiplica por reversibilidade, se expande por participação e se determina como manifestação de presença.

O Corpo Místico de Cafh revela sua potência divina.

O potencial divino de Cafh não é um potencial determinado porque o Corpo Místico de Cafh não é determinado. Se o Corpo Místico de Cafh se determina é por reversibilidade. Cafh não faz, Cafh plasma.

Neste sentido Cafh, como atividade humana, não é a materialização de uma ideia que é sempre a morte de uma ideia, mas o fermento, a plasmação da Ideia, que é a vida da Ideia, porque é reversibilidade.

Uma ideia feita algo desaparece como potência. Uma ideia, quando se plasma, permanece e sua potência é sempre divina, no sentido que se projeta e morre para dar possibilidade a outra ideia-vida.

Cafh, como potência divina, não se opõe a uma atividade humana. Cafh, como atividade humana, não reduz a Ideia Divina.

Cafh, como Corpo Místico, é Ired, Renúncia, vida: Vida Divina que é atividade em si, força criadora, potência infinita.

Cafh não é somente uma Ideia, uma força, um sentimento ou uma organização. Cafh É; por isso não tem um corpo, senão um Corpo Místico.

O corpo espiritual, mental e magnético de Cafh forma o Corpo Místico de Cafh.

O Corpo Espiritual de Cafh é: Ideia Simples.

A Ideia de Cafh não é uma ideia nova, nem uma doutrina, nem uma peculiar forma do pensamento. A Ideia de Cafh é Ideia Simples.

A Ideia Simples não pertence a um campo mental determinado. Em realidade não tem localização nem atributos; o simples exclui toda polaridade característica. Por isso Cafh, como Ideia, não é algo possível de captar ou compreender, senão somente se pode realizar como integração a Cafh, como Estado de Consciência em Si.

A realização da Ideia de Cafh não é a identificação com uma ideia, mas Iluminação Espiritual. A Iluminação Espiritual não é uma compreensão, nem uma compreensão transcendente. A Iluminação Espiritual é uma integração de valores em um elemento simples; a redução do composto à unidade.

A União Divina não é união propriamente dita, é desaparecimento de toda dualidade. A União Divina não pode ter atributos; é a desaparecimento da unidade na simplicidade.

A Renúncia é União Divina porque é o estado negativo, simples.

Por isso a Ideia de Cafh é Renúncia.

O ato puro é ato divino, o ato em si; é o elemento de todo ato, de toda plasmação, de toda realização. É, em si, realização.

O Filho participa da divindade através do Ato Puro.

O Filho se simplifica pela Renúncia até transformar-se em um ato potencial gerador. Ele já não é um reflexo da divindade senão a divindade mesma.

O estado simples da alma não é compreendido comumente pelos Filhos. Eles assimilam a Renúncia às renúncias contingentes, e creem que a simplicidade é o ponto final de uma trajetória. A trajetória existe em todos os atos menos na Renúncia. A aparente trajetória das renúncias contingentes não é a Renúncia, mas predisposição à Renúncia, que não é movimento, mas permanência estática. No entanto, essa permanência se manifesta através de etapas e logros definitivos.

As Ideias Simples contêm em si a potência de sua plasmação integral. A posse porque por ser simples, é reversível, É.

A união com a Ideia Simples não é identificação com um aspecto de sua plasmação, o mais elevado, mas com ela mesma através da integralidade de seu estado consumado.

Não é possível a identificação com a Ideia Simples em si, senão através de um estado de similitude que não pode nunca ser simples em si, já que é parte do composto. Mas pode-se unir a ela por reversibilidade, por identificação com seu estado integral consumado.

A identificação total com o Eterno não é deste mundo, mas sim o é a união com Ele por reversibilidade, por Renúncia.

A União Divina, se bem é um estado estático, por ser reversível se plasma em estados de holocausto, entrega, oferenda; é Renúncia permanente. Não é assim no sentido comum dos termos, senão um estado espontâneo e simples. Pela Renúncia permanente se chega à União Divina através da entrega; a Divina Mãe se dá ao Filho e o Filho se dá à Divina Mãe.

Uma ideia não se plasma; uma ideia é a plasmação da Ideia.

A Ideia é Luz; uma ideia, como plasmação, não o é; ao final é reflexo.

A plasmação da Ideia é força de realização que se determina em ato.

A Ideia é ato puro; a plasmação da Ideia é um ato que morre criando a Ideia.

A plasmação da Ideia estabelece uma linha, uma ordem, uma trajetória...: uma organização.

A força de Cafh não é uma força humana. Não é o resultado de um movimento ou de um pensamento. Tampouco é o resultado da capacidade ou esforço do homem.

Por mais elevado que seja o fim e as forças postas a um objetivo, o homem não pode criar uma força sobrenatural. Mas pode fazer que o sobrenatural venha a ele. Mas, isso não acorrenta o sobrenatural a um homem, a um grupo ou a uma organização.

A força de Cafh é sobrenatural porque é resultado da Renúncia.

Os Filhos nunca podem desvirtuar ou transformar a força de Cafh; podem participar ou não dela. O Filho não pode nunca desvirtuar a Cafh, mas pode desvirtuar a Cafh nele.

O Filho, por sua Renúncia participa da Ideia; ele, como elemento simples, é a força e a Ideia. Mas, se os Filhos têm em Cafh outro sustento fora da Renúncia participam de Cafh só humanamente, e são uma ideia e contam com uma força. E essa ideia e essa força não são suficientes para manter aos Filhos integralmente na ideação de Cafh; participam de um corpo místico não integral. Não porque este não possa ter força e elemento espiritual, mas porque estes não serão já espirituais em si, senão expressão humana de um anseio espiritual.

Cafh é, mas o Filho pode não ser Cafh.

A única condição de plasmação da Ideia em uma força é a Renúncia. É a Renúncia porque é o único meio efetivo que tem o ser para participar divinamente.

A Ideia em si, É; mas sua plasmação obedece a um movimento. Este movimento não é um movimento direcional, mas um movimento em si, o movimento simples.

Para poder participar desse movimento simples é necessário assemelhar-se totalmente a ele, e essa semelhança se consegue pela Renúncia.

O Filho participa desse ritmo divino unicamente através da Renúncia, que é União Substancial com a Divina Mãe. Ele nunca pode pensar que tem outra base para sua vida espiritual. Se os Filhos assentam sua vida espiritual em uma base que não é totalmente sobrenatural, formarão somente um corpo natural, com características humanas, limitado no tempo e sujeito ao ciclo das coisas humanas.

Onde há plasmação faz falta luz para não perder a participação integral à Ideia. O movimento descendente deve ser sempre ascendente; se não, deixa de ser Ired para fazer-se um movimento com um potencial determinado, com um alcance, e nada mais. Por isso é necessário luz-trevas para não materializar a Ideia, mas plasmá-la.

Cafh não é Cafh, mas uma expressão de Cafh.

A força de Cafh não está em ser algo, mas em ser plasmação. Mas ali onde há plasmação há separação aparente.

A realidade objetiva não é o conjunto senão a parte grosseira do conjunto.

O necessário, então, para a manutenção da pureza da Ideia, é a permanência no espiritual da ideia, já que a base de que se parte é seu aspecto material.

A Obra de Cafh é somente espiritual, como ato puro, como Ired. Por isso se manifesta no mundo. Manifesta-se como obra nas almas e como obra através das almas. E essa obra particularizada volta a remontar-se até o simples e divino por participação ao Corpo Espiritual, que é Iluminação Espiritual.

Este movimento aparente, que é fonte de todo movimento e vida, dá como possibilidade às almas de Cafh a União Substancial com a Divina Mãe e, ao mesmo tempo, faz das obras dos Filhos plasmação da Ideia de Cafh, que é sempre divina e universal. Os Filhos fazem assim, através de seu esforço e entrega, uma obra divina no mundo.

Os Filhos que não compreendem a ideação divina de Cafh, perdem seu tempo e não participam integralmente do Corpo Místico. Sempre creem que seu trabalho, sua ideia e obra pessoal é a Obra, quando em realidade eles deixam assim de participar da Grande Obra, limitando suas possibilidades divinas a um campo humano que sempre leva ao fracasso.

Para o Filho não há outra Obra que sua integração total a Cafh, que é uma entrega absoluta de seu ser, suas possibilidades e seus esforços a Cafh. Mas ao mesmo tempo essa Renúncia diviniza a entrega do Filho multiplicando divinamente essas possibilidades, e outorgando-lhe o dom de uma participação substancial à Integridade da Grande Obra.

Todas as almas participam da Ideação Divina e todas chegarão à liberação final. Mas cada alma determina, segundo seu esforço, sua participação atual à Grande Obra.

Os valores individuais separados não participam do Corpo Místico de Cafh.

A Obra sempre se faz por participação, que é desaparecimento pela Renúncia na Obra mesma. Um valor independente exclui toda participação, e não somente não participa, mas se opõe a Obra como ponto irreduzível de personalidade. Uma personalidade é o ponto de precipitação dos valores humanos separados, que se opõe sempre ao movimento expansivo de participação.

A verdadeira entrega não é o esforço pessoal por conseguir um bem determinado, senão o esforço impessoal de renúncia integrado pelo amor a uma obra comum.

As almas participam do Corpo Místico de Cafh segundo essa unidade de entrega. Essa entrega, se é integral, é liberação; porque onde há holocausto há União Divina.

Essa capacidade de entrega está determinada por uma predisposição natural do ser ou depende de um esforço volitivo?

O ser, mesmo com lutas e esforços, chega facilmente até um ponto, mas para transcendê-lo fazem falta um esforço e renúncia incomuns. São muito poucos os que o conseguem; no entanto, isso não nega o livre arbítrio, mas o comprova.

A possibilidade de variar a intensidade de um esforço ou de eleger é uma visão muito pobre do arbítrio. Essa pequeníssima margem de liberdade dentro de uma trajetória fixa não pode entender-se como liberdade, ainda que o seja dentro de seu círculo.

O verdadeiro livre arbítrio é o que pode romper o limite de determinadas possibilidades para fazer-se dono de outra ordem de possibilidades.

O homem luta por conquistar um arbítrio que não é tal e se choca contra suas próprias e reais possibilidades. Somente aquele que salta por sobre suas possibilidades contingentes realiza as possibilidades reais. No entanto, a grande maioria entende por liberação a realização das possibilidades contingentes.

É claro que o salto sobre as possibilidades contingentes não significa a realização absoluta já que, então, as novas possibilidades se tornam contingentes; mas se se consegue a permanência na Renúncia a linha não se interrompe até o final. Então é expansão infinita que ultrapassa o real e o contingente: a participação é reversibilidade e a reversibilidade perfeita Renúncia; a reta é curva, a curva, círculo e o círculo, cruz.

O desejo de entrega produz uma potencialização interior. Essa força, multiplicada pela persistência do desejo, ao não ser transmutada em força espiritual pura por um estado negativo de Renúncia, cria uma necessidade de ação: fazer algo, fazer “o bem”.

A ação sempre existe, mas esta ação buscada não é mais que o gasto inútil de um potencial que, sustentado pela permanência, houvera alcançado uma expansão não determinada.

É evidente que o ato interior de entrega, se é divino, não pode traduzir-se em uma atitude dada. O estado interior negativo, por ser completamente oposto aos estados positivos de ação-gasto, não oferece apoio algum.

Por isso a Renúncia não pode ser compreendida senão por similitude, e os Filhos, se bem participam de Cafh, não sempre participam compreensivamente de sua Ideação Divina, que é Renúncia.

## **O AMOR AOS VOTOS**

### *5a. Ensino*

O que determina a vida espiritual do Filho é o momento de seu ingresso a Cafh.

Nesse momento é necessário o exame retrospectivo para que a alma compreenda como, mesmo estando às cegas, foi levada por seu destino ao caminho espiritual.

Quanto maior é a intervenção divina na vocação do Filho, tanto mais é sua aparente inatividade na primeira entrega.

Sentimentos desconhecidos embargam a alma do Filho ao pôr-se em contato com o Caminho e somente sobressai um sentimento confuso e obscuro de grande responsabilidade, é a responsabilidade que dá o amor.

Somente o amor conta. O amor é o princípio e o fim do caminho.

O ingresso do Filho a Cafh determina, então, todo o destino futuro do Filho e sua entrega confusa e obscura é, entretanto, o nexa de toda responsabilidade e compromissos ulteriores que lhe serão dados.

Como ninguém conhece aos predestinados para Cafh, o afã de todos os Filhos há de ser aquele de chamar a todas as almas ao caminho espiritual. O único guia do Filho para a conquista da alma é o amor, que há de ser nele como um fogo que se projeta sobre todas as almas e que se manifesta com desejo imenso de ver a todas as almas no caminho da Divina Mãe.

Este desejo comunica ao Filho o dom de uma palavra viva para a conquista das almas fazendo-se um exemplo vivo aos olhos delas e buscando-as continuamente.

O Voto de Silêncio é a lógica consequência do amor do Filho à Divina Mãe. O Filho posto em contato com Cafh descobre o amor na imagem da Divina Mãe, e aquele que ama somente deseja o objeto amado, e estreita um laço de intimidade e de silêncio entre a alma e a divindade.

O amor da Divina Mãe afasta o Filho de tudo. Fecha seus olhos porque somente quer ver a imagem querida. Faz-lhe calado, reservado, amante da oração íntima, da vida interior, que é o tesouro do voto de silêncio.

O Voto de Silêncio não é então uma imposição, mas uma necessidade ascética mística da alma. O silêncio acostumará a alma a ser casta, recatada, não material, por amor à Divina Mãe e, sobretudo, lhe dará capacidade para escutar a voz divina, para receber as ensinaças interiores e diretas que não pode pronunciar nenhuma voz humana.

O amor aos Votos é forte como a morte. Por isso o Voto de Fidelidade é uma necessidade da alma consagrada. O homem muda continuamente e nunca pode permanecer em uma mesma atitude. Nenhum ato humano é constante. Somente o amor à Divina Mãe pode dar a alma fidelidade, fazê-la digna do Voto de Fidelidade. Somente a fidelidade divina é digna desse nome e o faz fiel até a morte.

O amor humano, pela fidelidade faz-se divino. O amor fiel é íntegro, total, sem reservas.

O amor fiel faz ao Filho observante, cumpridor, atento. Ele é uma manifestação de seu voto de fidelidade. Ele é a fidelidade.

O amor fiel faz ao Filho cuidadoso de seus sentimentos, vigia atentamente seu interior e seu modo de pensar.

O amor fiel faz ao Filho participante da doutrina fundamental de Cafh. Como poderia um Filho ser fiel à Divina Mãe se não participa de seu modo de pensar?

O amor fiel é expressão íntegra da doutrina de Cafh à qual, por sua espontânea adesão, prometeu fidelidade.

O Filho foi levado pela fidelidade ao Voto de Obediência.

O Voto de Obediência é essencialmente um ato de amor místico e espiritual.

O caminho espiritual pode ser percorrido um trecho pelo esforço e a vontade do Filho, mas quando chega a certa altura onde as rotas já não são humanamente traçadas, é necessário então que o Filho abandone sua vontade e se entregue nos braços divinos.

A alma não chegará à meta sem um Mestre que lhe estenda a mão, que o guie em seus altos destinos.

A Divina Mãe é a rota final do Filho. É necessário lançar-se em seus braços para chegar. Esta submissão amorosa à Divina Mãe é ideal para o Voto de Obediência, para seu cumprimento, para fazer ao Filho inteiramente submisso a seus Superiores.

O Filho há de ver no Superior unicamente a Divina Mãe.

A obediência prestada ao Superior como homem é um cativeiro. Mas a obediência prestada ao Superior como imagem da Divina Mãe é submissão de amor, fonte de compreensão e de felicidade.

A obediência humana é lenta, pesada, difícil. A obediência divina é pronta, sincera, sem reservas.

A obediência perfeita leva a alma ao Voto de Renúncia. O Voto de Renúncia é entrega de amor. A alma, como vai descobrindo os tesouros do amor, necessita descartar todos os contrários, não quer que nada nem ninguém a afaste de seu bem.

O amor que se entrega totalmente é uma expressão mais além de toda possibilidade mental e atua somente nas esferas sobrenaturais e divinas.

O renunciamento segue estas etapas místicas: Renúncia de gostos e prazeres, renúncia de posse, afinidades, consanguinidade e amizades, renúncia de vida. O Voto de Renúncia é amor sobrenatural.

Os Votos não são somente um ato que fazem os Filhos aptos para Cafh, senão são sobretudo o modo e o resultado do amor, e não há outro meio para alcançar o amor sobrenatural senão o dos votos que são o meio de viver, sentir e expressar a vida divina.

Os Votos são o alimento vivo que unem permanentemente o Filho à Divina Mãe.

Os Votos são o Caminho. Os Votos são a Divina Mãe mesma.

O Filho, por seus Votos, alcança um estado de amor permanente e unitivo com a Divina Mãe.

## **A LEI DA RENÚNCIA**

### *6a. Ensino*

Os Filhos de Cafh deverão ser obedientes às leis vigentes no país ao qual pertencem ou que os hospeda.

Há aqueles que opinam que somente há que obedecer a leis justas e opor-se a outras que são más para os povos.

A missão de Cafh sobre a terra não é a de julgar ou determinar quais leis são boas ou quais são más, pois no Plano Divino está disposto quais são as organizações que hão de determinar sobre este ponto. Mas como nenhum ser humano pode prescindir das responsabilidades que como tal lhe correspondem dentro da sociedade, e seria irresponsável que se afastara dos problemas dos povos, é necessário expor em qual doutrina se baseia este mandato de obediência às leis.

Cafh proclama que nenhuma lei pode ser sempre boa e ter resultados eficientes se não se baseia sobre a Renúncia e que, partindo deste postulado fundamental, todas as leis seriam consequentemente boas.

As leis são sempre humanas; boas hoje, não boas amanhã; sujeitas a infinidade de mudanças e circunstâncias; aplicadas segundo o critério dos homens que as proclamam e as controlam, enquanto a Renúncia é uma lei única, universal, invariável. E como a Renúncia é uma lei única, divina, expressão da Ideia Mãe da Raça Aria sobre a terra, foi proclamada pelos Grandes Iniciados de todos os tempos.

O desejo de posse, o temor a perder os bens e a vida, a avareza acumulativa dos homens os afastou desta lei única, fonte de toda felicidade, e fez necessária a imposição de leis e mais leis para conter estes males.

Mas se o ser cumpre com a Lei Divina da Renúncia, as leis humanas se fazem fáceis e suportáveis para ele e as anula quando já não são úteis e boas, com somente a força de sua conduta e resistência moral.

O Filho de Cafh há de ser obediente às leis porque, antes de tirar-lhe, elas constituem uma contribuição para lograr a lei única da Renúncia. Ainda se submetendo a leis injustas, com o renunciamento à própria vontade se fixa o vencimento dessa mesma lei.

Todos os Grandes Iniciados proclamaram e praticaram esta Lei Eterna e a manifestaram no mundo com a submissão e o renunciamento.

O programa político de “Não Resistência” de Gandhi é uma Mensagem de sempre.

São Francisco encontra a perfeita felicidade ao desposar-se com Madonna Povertá.

Jesus predica o Renunciamento como a Lei Suprema. “Aquele que quer seguir-me que deixe todas as coisas e venha”, e não todas as coisas senão ainda a si mesmo, sua alma mesma. “Aquele que quer salvar sua alma a perderá e aquele que a perde viverá eternamente.”

O Buda predica o Renunciamento como único meio de fraternidade entre todas as classes sociais, e logra a paz e felicidade.

A lei de Renúncia, ao basear-se sobre o desprendimento dos próprios valores, não é uma lei exterior, mas uma Lei Interior. Ao ser um ato negativo da vontade sensorial e intelectual faz que o ser morra à vida atual exterior: ao modo de realizar, de sentir, de pensar. Cumpre com todas essas funções objetivamente sem identificar-se com o pensado, experimentado, feito. Ele, ao deixar de fazer, se transforma em Ser, em Testemunho Simples de si mesmo.

Seus valores negativos pelo ato de Renúncia constante, que não é não fazer, mas fazer sem apegar-se ao feito, trasladam o homem a um estado infinitamente superior: estado de super sentir, super realizar, super pensar com resultados insuspeitados. Assim disse Cristo: “Vós que o haveis deixado tudo por mim, receberéis o cento por um e ademais vida eterna”.

O poder destes seres que praticam a lei interior de Renúncia é imenso, mas seria imperfeito se fora o bem de uns poucos somente.

Este bem tem que estar ao alcance de todos os homens; não pode haver felicidade perfeita se um só ser não participa da mesma.

É necessário que o Filho de Renúncia cumpra todas as leis dos homens junto com todos os homens, para que sua participação submissa o una a todos os homens e os ponha em contato com sua vibração e sentir interior. Esta participação há de ensinar aos homens que não é com revoluções, guerras e trocas de leis que se consegue a felicidade dos povos, mas somente participando com a Lei Única e Divina da Renúncia.

## **A RELIGIÃO UNIVERSAL**

### *7a. Ensino*

Cafh, ao indicar a seus Filhos que deverão ser respeitosos da religião de seu país, não quer dizer que os Filhos devam abandonar sua própria religião de origem para abraçar a vigente no país, nem que em determinadas ocasiões não se coloquem à controvérsia em matérias de religião, quando esta se realize com conhecimentos de textos e causas.

Ademais, Cafh, mística e transcendentalmente, reconhece o valor e a unidade fundamental de todas as religiões. Por isso, se bem o Filho pode originariamente ter outra religião, espontaneamente sente a maior deferência e respeito pela religião ou as religiões que professa o povo com o qual convive.

O que não é admissível no Filho é a mudança de uma religião à outra.

Quando um ser passa de uma a outra religião é porque sua alma necessita outra experiência espiritual, é porque crê que nesse outro credo encontrará sua realização. Essa mudança, então, há que considerá-la somente como um passo na evolução espiritual.

Se o Filho de Cafh crê na unidade fundamental de todas as religiões, se crê que as Revelações das Grandes Religiões emanam conjuntamente da Revelação Única da Ideia Mãe da Raça Ária, se crê que as Grandes Tradições dos diversos credos são a transmissão continuada da Revelação segundo a necessidade e a idiosincrasia dos diversos povos que as hão acatado, não pode mudar de religião.

Se o Filho desejara efetuar uma mudança de religião por uma aspiração interior e um desejo de maior adiantamento espiritual isso significaria que não há encontrado em Cafh o que em suas aspirações espirituais buscava e, antes de efetuar essa mudança deveria abandonar o caminho de Cafh.

Este haveria sido para ele uma religião mais e não a ideia e a realização transcendente da Religião Universal.

Cuidem os Filhos de não confundir este conceito de Religião Universal.

Se crê geralmente que quando se fala desta Religião Universal, esta seja um novo credo que surgirá no futuro abolindo todas as demais religiões. Assim entendida seria uma religião mais e não a Religião Universal.

Há que admitir que uma nova religião se está gestando no mundo. Uma religião fruto do dinamismo mental e da reestruturação de valores dimensionais que nesta época se perfilam no mundo.

Será uma grande e valiosa religião, mas não a Religião Universal.

A Religião Universal não se funda nem começa, senão emana e flui constantemente da Ideia Mãe da Raça Ária, e quando seja instaurada sobre a Terra não será porque começa, senão será porque todos os homens compreenderão e reconhecerão o que sempre esteve a seu alcance.

Todas as Grandes Religiões existentes dizem que elas são únicas e universais e que hão de reinar sobre todos os homens; mas não é assim, estão proporcionalmente divididas entre os homens.

É que realmente todas elas emanam da Religião Universal adaptadas aos povos, tempos e circunstâncias. Aquele que cumpre com toda fidelidade e reta intenção os preceitos de sua Religião, se põe invariavelmente em contato com a Verdade Única, transcendente, universal.

Cafh não é nem uma nova religião nem o fermento que poderia produzi-la, já que em tal caso não seria senão uma mais entre as já existentes. É sim uma aspiração pura e livre da alma ao reconhecimento da verdade transcendente, da Religião Universal.

É por isso que o Filho de Cafh não necessita mudar de Religião, mas ao mesmo tempo é profundamente respeitoso e simpatizante da religião ou das religiões do país onde habita.

## **A FÉ**

### *8a. Ensino*

O Filho baseia seus estados místicos a realizar sobre a fé, por isso a fé é o suporte da vida espiritual.

O destino pôs frente a alma um ideal espiritual e este é real, mas desconhecido, e a alma o abraça às cegas e se adere a ele com todas as suas forças, sempre em um ato puro de fé.

O Filho apoiado na fé penetra em seu mundo interior e levanta ali seu tabernáculo secreto, e a ele dedica com todo seu amor; as experiências íntimas, os resultados contingentes o confirmam cada vez mais em seu ideal, e o que foi encontrado através da fé, robustece sua fé.

Muitas almas santas preenchem toda sua vida com este trabalho admirável; entretanto, elas não hão alcançado seu fim porque somente realizaram uma parte do trabalho interior espiritual.

Elas somente foram tecendo ao redor do ideal da fé, não da fé em si.

Esta providência divina não provocou nelas uma crise definitiva que as leve do ideal da fé à fé. Certamente porque não teriam elas a força para suportá-la ou, simplesmente, porque este era seu destino e somente lhe seria revelada a verdade em outras etapas de vida ou em outros planos.

A alma do Filho que adianta no caminho espiritual não pode, entretanto, conformar-se com os ideais interiores da fé e, ao necessitar possuir a fé em toda sua grandeza e potência, há de passar por crises interiores espantosas sobre a fé. Este é o preço.

Parece uma contradição que uma alma que vive da fé tenha problemas, contradições e dúvidas sobre a fé, mas é destino da alma espiritual passar de um estado de conhecimento ideal de eternidade, a um estado real de conhecimento de fé. Somente através da obscuridade mais absoluta se passa do ideal à realidade.

A alma do Filho que passa por estas grandes crises interiores está destinada ao triunfo e à posse da fé em si, mas é necessário que ele esteja bem alicerçado na virtude e bem dirigido espiritualmente, já que a alma é posta aqui a tal prova, que ganha ou perde.

Muitas almas virtuosas são duras em julgar aos caídos e aos renegados, mas não podem esquecer que a prova da fé é tão grande que somente os muito fortes e moderados podem suportá-la.

O Filho tranquilo e seguro no Tabernáculo Secreto de seu Templo de Ouro interior trabalha toda sua vida para assentar ali divinamente sua ideal, mas quando o inimigo entre ali e o destroce todo, o que resta à alma?

As almas que levantaram templos a Deus e a seus enviados, que hão abraçado o dogma de uma igreja, que creem cegamente em uma filosofia, como poderão seguir crendo quando suas crenças se lhe apresentam ao vivo, desnudas, insubstanciais?

Por isso muitas almas caem frente à prova interior da fé e o mundo está cheio de pobres que perderam a possibilidade de sua realização espiritual porque não puderam passar da figura e da ideia ao estado de eternidade.

Ninguém possui a fé em realidade. Todas as verdades reveladas e seus derivados são baluartes e derivados da fé, mas não a fé em si que é um bem exclusivo da alma e que esta logra no mais profundo de sua intimidade, sem véus e sem testemunhos, quando haja renunciado até mesmo aos ideais da fé.

A amada imortal somente aparece à alma depois que esta encontrou o templo vazio e o tabernáculo abandonado e perdido, ainda o Corpo Místico de nossa Senhora.

Quase sempre as crises interiores se produzem aparentemente por um fato exterior. É como se o mundo e a carne empreendessem desde fora seu assalto definitivo para penetrar no santuário interior do Filho e destruí-lo todo. Mas o Filho há de estar certo que este ataque somente pode alcançar aos ideais da fé, nunca à fé em si.

Quantas vezes se ouvem palavras como estas: perdi a fé. O Deus adorado se converteu em um velho ídolo gasto; o dogma, que era o suporte, perdeu seu poder de graça frente às evidências da ciência; o sistema filosófico deixou a descoberto sua dialética gasta baseada sobre axiomas não seguros.

Muitas almas não podem chegar tão fundo e refazer-se frente a estas aparentes desilusões, por isso renunciam ao combate. O apego aos velhos hábitos de fé lhes tira a possibilidade de alcançar a fé.

A alma do Filho forte enfrenta a crise, tem uma arma poderosa em suas mãos que há adquirido desde seus anos de prova e experiência espiritual. Esta arma é sua capacidade de renúncia. O Filho com a renúncia alcança a vitória.

O ideal da fé persiste na alma até que esta permanece tranquila e serena, mas em seguida que um pequeno estímulo a põe em contato com o exterior, este ideal é posto à prova. Passa a alma desde altos voos a caídas que a submerge na dúvida e a melancolia. Mas a alma que possui a fé se faz forte, inquebrantável, segura, se conhece a si mesma, ela é a fé. A fé é ela mesma.

A fé é um bem inerente a alma que está sempre presente mesmo quando tudo passa e se perde, porque é o poder vivo da divindade no homem. Quando se limita é ideal de fé, segurança de credo, razoamento analítico. Quando é ilimitado é fé em si, fé obscura, intuição desconhecida, afirmação do irracional e do negativo.

Quem ou que poderá arrancar a fé da alma se ela a possui? Poderão quebrar todos os credos, decair todas as escolas, morrer todos os mestres, mas a fé permanecerá na alma como a pele se adere à carne.

O Filho pela renúncia possui a fé em si. A fé em si é a essência e a potência da alma, da alma consagrada.

## **O SUPERIOR FRENTE A ALMA**

### *9a. Ensino*

O Superior não poderá desenvolver um verdadeiro trabalho espiritual na alma do Filho se não conhece as aspirações íntimas do mesmo.

Desde o princípio ele há de saber quais são os pensamentos íntimos e os sentimentos secretos da alma.

O Superior começa a conhecer a intimidade da alma através do conhecimento da vida do Filho no mundo. É necessário deixar que a conversação do Filho seja espontânea e livre, para que a alma se abra pouco a pouco.

Para o conhecimento da alma do Filho o Superior há de conhecer sua formação familiar. Ele terá que interiorizar-se de quem são os pais e os familiares, a condição social em que se desenvolve seu meio familiar e, sobretudo, tratar de obter o resultado anímico da alma alcançado através de sua convivência com a família.

O Superior sempre se encontrará frente a casos distintos: ou o filho centro de atenção ou o filho rejeitado; o filho desejado ou o indesejado. Estes estados desarmônicos paternos trazem complexos na alma das crianças que sempre se vão desenvolvendo com os anos e tomando às vezes proporções alarmantes.

As demasiadas facilidades de vida trazem nas crianças um estado de ânimo de segurança desmedida que os impulsionará à vaidade, à soberba e à inatividade por temor ao fracasso. Enquanto, os filhos incompreendidos desenvolverão um estado de ânimo de incapacidade interior que os faz tímidos, esquivos e desconfiados.

As maiores conquistas anímicas se notarão sempre naqueles homens que de crianças não foram demasiados cuidados, nem tampouco foram açoitados pelo destino.

O Superior há de conhecer a formação escolar do Filho. Há de estudar bem os complexos derivados da idade em que o Filho há plasmado sua educação nos estudos primários. Os extremos são sempre: ou o aluno que se sobressai ou o aluno incapaz. Tais extremos conduzem a formar no primeiro o sentido de responsabilidade com a nota alta e isto conduz a encerrá-lo na posição equívoca de não poder prescindir do triunfo contínuo.

É assim como muitas destas crianças, ao enfrentar-se com os estudos superiores e ao ter o menor contratempo, caem na derrota e na inibição, pois lhes falta a força necessária para enfrentar-se com a realidade.

Assim a criança que não demonstra aptidão para o estudo é, às vezes, pela indiscreta palavra de um professor, arrastada ao complexo de inferioridade. Forma-se nele um estado mental de incapacidade que o inibe constantemente e não deixa que desenvolva espontaneamente suas faculdades normais.

O Superior há de conhecer também a formação social do Filho. Ele há de procurar conhecer os detalhes circunstanciais com os quais o Filho se há enfrentado na vida. O adolescente é posto frente à vida de um modo falso ou prematuro ou violento, fazendo que se forme em sua alma uma visão equivocada do desenvolvimento da vida, sobretudo no aspecto sexual.

Às vezes, estas almas que se haviam enchido a mente de fantasias, ilusões e mundos de fadas, recebem um choque violento frente às fealdades naturais que podem pôr a perder todo seu desenvolvimento sentimental.

Por isso o Superior há de conhecer estas reações primeiras da alma se quer desembaraçá-la de travas, solucionar seus problemas e fazer que voltem a encontrar a felicidade e a paz através do caminho espiritual.

Quando se começa a tratar às almas, estas respondem mais ou menos às perguntas do Superior: Como se chamam, quem são, em que trabalham etc. Mas todas estas perguntas somente revelam o eu pessoal e exterior com o qual a alma se há coberto, buscando nele uma carapaça com a qual proteger-se do mundo.

Este eu exterior não é mais que o produto de tudo o que se quer esconder e de tudo o que não se quer dizer.

A missão extraordinária e primeira do Superior é a de ensinar às almas o Exame Retrospectivo que tem como finalidade, não somente o exercício em si, mas o habito espiritual, que se alcança pela pratica do exercício, de introduzir-se sem perigos em si, reconhecendo seus problemas e conhecendo seu eu interior.

Uma vez que o Superior conseguiu que o Filho se dê conta de que chegou à sua casa, a Casa do Amor, o Filho mesmo, por si só, se despojará de sua personalidade exterior e conseguirá reconhecer a parte profunda de seu coração. Não temerá já ver-se tal qual é e, ao olhar-se bem, poderá romper o círculo limitado que o freia e o diminui em suas possibilidades.

Naturalmente a alma resistirá no princípio a mostrar suas intimidades a seu Superior; por isso há que deixá-la que por si só experimente o gozo interior de seu reconhecimento.

Podem passar alguns meses nesta tarefa, mas este primeiro gozo alcançado por si só, ao reconhecer-se trará a confissão sincera, a necessidade imperiosa de comunicar-se, de confessar-se, de confiar-se a seu Superior.

## **O SUPERIOR GUIA DA ALMA**

### *10a. Ensino*

O Filhos que começam o Caminho, e sobretudo se são jovens que ainda tem que definir-se na vida, não conhecem sua vocação.

O problema vocacional é a grande responsabilidade do Superior. Ele há de observar bem aos Filhos que empreendem o caminho espiritual para saber se têm verdadeira vocação e qual vocação.

Para que isto seja possível o Superior fará que eles reconheçam a necessidade de permanecer em uma tranquila e atenta expectativa, no lugar e na posição em que a providência os há localizado, pois é este o único meio para que a vocação verdadeira se manifeste.

Os jovens se creem chamados a cumprir uma missão e estes estados interiores, em lugar de ser verdadeiras vocações, são a predisposição natural da idade, do ambiente e das aspirações individuais. A vocação se manifesta paulatinamente. Somente em alguns casos extraordinários se manifesta rapidamente.

A maioria das vezes o chamado vocacional paulatino se manifesta por três graus:

O primeiro é o chamado vocacional do adolescente; é a primeira manifestação ou sentir de reconhecimento da individualidade do ser.

O jovem tem seu nome e sobrenome e conhece o ponto terrestre a que pertence, mas isso é uma experiência completamente exterior, já que, em seguida que a inteligência começa a atuar, começa também a formular-se as primeiras perguntas fundamentais: À que vim ao mundo? Que sou? Qual é meu verdadeiro nome?

Estas perguntas são a necessidade imperiosa da alma de possuir sua cédula de identidade espiritual.

Quando esta necessidade de identificação se agudiza ou cria crise produz o inevitável choque do adolescente contra a família, contra os métodos que se lhe impuseram, contra a comunidade social à que pertence.

É uma força que brota no jovem e que lhe força à identificação com algo que lhe faça sentir independente.

Esta rebeldia sempre, incompreendida pelos mais velhos, esta luta das potências jovens da alma contra as ondas mentais endurecidas dos já formados têm, através da idealização, um aspecto vocacional. Brota através da adesão do Filho rebelde a uma ideia ou a uma corrente nova e mal vista pelos velhos conservadores.

Às vezes esta vocação juvenil não é um ideal, senão um simples gosto que vira mania, e é um modo para que as juventudes gastem suas energias. O baile, as diversões, os passeios, os esportes e até os jogos.

O Superior inteligente verá que há um processo disto em todos os jovens, esta rebeldia vocacional que os adere a algo que eles creem seu ideal ou seu fim e não modificará este estado da alma em forma radical, senão que habituará a alma a estar ali, quieta, atenta, expectante.

Logo procurará depositar nesta alma um novo centro de atração para que seja neste novo centro onde ela foque agora sua expansão, mas como centro de sua própria conquista e não por ceder aos demais.

É então que se efetua o segundo chamado vocacional, o verdadeiro chamado.

O adolescente, livre das travas de sua personalidade reprimida, dentro de um campo de ação onde se expande e vive de per si nasce, ou é como se nascera, a nova vida.

É aqui que sente seu verdadeiro chamado. Têm a plenitude da vida em suas mãos, têm a mente tranquila e o coração sossegado, sente o que é, sabe o que quer chegar a ser e se pode chegar a realizá-lo.

É um chamado íntimo do ser, um desejo de criação: criar algo como expressão íntima do ser para alcançar a felicidade.

É aqui que o Superior há de levar aos Filhos com mão forte para que dentre as fantasias surja a imagem que há de determinar toda a vida integral do jovem. Poderá o jovem depois triunfar ou fracassar, mas este chamado verdadeiro e real será sempre para ele como um norte e, mesmo se aparentemente fracassara, se valerá de seu fracasso para voltar a levantar-se e seguir no caminho da vida.

Quando o Filho sabe o que quer e o que vale então chegará a seu coração o verdadeiro chamado, o chamado espiritual, o chamado de liberação.

O Superior há de esperar atentamente esta hora de Deus para levar o Filho com mão firme pela senda unicamente espiritual.

Precipitar este estado no ânimo do Filho, ou retardá-lo, seria igualmente mau.

É este o chamado vocacional que conduz à verdadeira vida espiritual que se manifesta na alma depois que se há reconhecido a si mesma e medido suas possibilidades, ao comprovar o transitório e o vão das coisas do mundo.

É esta uma necessidade íntima de chegar à verdadeira expansão, de fazer do espiritual o centro de sua alma desde o qual todas as demais coisas derivam.

Às vezes este estado íntimo de expansão não pode ser controlado e a alma, se não está bem dirigida, pode perder-se em um sonho de irrealidade.

O Superior é aquele que vigia este estado de ânimo, este momento especial.

## **O SUPERIOR COMO DIRETOR ESPIRITUAL**

### *11a. Ensino*

Os Filhos que começam o Caminho Espiritual e não têm um Diretor Espiritual determinado tomam implicitamente a seu Superior como Diretor Espiritual.

O Superior há de observar os estados físicos do Filho que lhe é confiado. Há de formar seres perfeitos e procurar que no Filho harmonizem a vida física com a intelectual e a espiritual.

A alma quer identificar-se com a Divindade, mas o corpo, já que é o templo do espírito, também há de se transformar. O corpo não pode ser inimigo do espírito, sempre em luta e divergente, senão há de ser um fator de estímulo e ajuda para a transmutação espiritual.

A imperfeição de certas almas, a impossibilidade que manifestam para realizar certas experiências ascéticas, são muitas vezes nada mais que falta de saúde física.

O Superior como Diretor Espiritual há de conhecer as imperfeições da carne de seus Filhos e há de conhecer também as manchas da alma. Há de estudar se estas são anomalias congênitas, fruto de herança, enfermidades orgânicas, e como curá-las para que não sejam um estorvo para o adiantamento espiritual. Não há de ater-se unicamente às enfermidades físicas, mas também às enfermidades nervosas e anímicas que são tão correntes.

Também o Superior há de estudar atentamente, pois às vezes estas enfermidades físicas ou anímicas são um produto do desenvolvimento místico do ser e terá que procurar que os Filhos as suportem com paciência. Conhecerá umas e outras pelo fruto que dão na alma, já que a enfermidade cármica que há de ser eliminada impede o adiantamento espiritual, enquanto que a enfermidade mística e dada por Deus para a santificação da alma, estimula e favorece a virtude.

Tampouco terão que ver os Superiores nas enfermidades dos Filhos, se não são muito graves, um impedimento para que eles sigam no caminho espiritual.

A missão extraordinária dos Superiores é especialmente esta: levar os Filhos, apesar de tudo, à perfeição.

Os defeitos físicos muito graves não de ser muito considerados e analisados.

Para dizê-lo com clareza, a maioria dos seres jovens tem anomalias congênitas já que atualmente, na maioria dos casos, os que vêm ao mundo pagam o tributo de uma humanidade inculta, que não têm conceito real a respeito da santidade do matrimônio e da concepção.

Depois do casamento as paixões sexuais, em lugar de ser atenuadas, são avivadas por uma falta de reta orientação. O matrimônio é uma luta constante de paixões em vez de ser um altar de paz e respeito; é impossível que as baixas paixões proporcionem corpos bonitos e equilibrados aos seres que vêm morar neles.

As paixões sexuais se transmitem inconscientemente aos filhos e suas influências ficam ali sedimentando nos anos de adolescência, transformando-as em um problema e em um complexo.

O Superior há de ser sobretudo um observador atento. Há de deixar que o Filho fale e confie. Através das palavras do Filho encontrará a solução a seus problemas. Conseguir que o Filho fale é aliviá-lo em seus males e preocupações. Há de procurar que o Filho fale sobre sua família e, pelas enfermidades da mesma, conhecerá as enfermidades que poderia padecer.

Em muitos casos, antes de fazer-se responsável de uma vocação, também seria conveniente um diagnóstico médico, sobretudo para aqueles Filhos que não demonstrado ter uma supersensibilidade nervosa.

Logo, o Superior não realiza em um dia este processo de observação, que é fruto de uma análise constante.

Desconfie ele daqueles que sempre tem melancolia, pois isto indica que eles necessitam mais que uma vocação espiritual, um desabafo sentimental.

Não admitam nos Filhos as ideias fixas nem persistentes, como quando dizem que não podem trabalhar, que não podem estudar ou que estão inibidos para realizar certos atos. Estes são males que se não se corrigem imediatamente, levam à ruína.

Mas a análise constante do Superior sobre as almas pode transformar e fazer todas elas aptas para a vida espiritual.

A vida espiritual se estriba na vida psíquica e esta na vida física, e o Superior que não atende à harmonia do corpo e da alma dos Filhos nunca poderá lograr que sejam seres perfeitos.

Quando os Filhos têm um Diretor Espiritual determinado, o Superior tem a obrigação de pôr-se em contato com ele para conhecer o estado de ânimo do Filho, mesmo em termos gerais, sem entrar nos detalhes de confiança, para poder o orientar e encaminhar a seu verdadeiro caminho de Realização Espiritual.

## **A TAREFA DO ORADOR**

### *12a. Ensino*

A característica da missão de Cafh nas almas é a Ensino.

Realiza nelas o bem de seu reconhecimento interior, de sua santificação, especialmente entre as almas dos jovens.

Esta realização é um reconhecimento íntimo da alma que ao descobrir sua própria vocação a faz participar da plenitude da vida.

Os Oradores não de ser verdadeiros portadores da Ensino.

Eles não de valorizar a graça que levam consigo de ser portadores destes bens supremos.

Cafh faz então participar aos Filhos de sua vida espiritual íntima; mas, que é para o mundo e até mesmo para os Filhos, vida espiritual?

Há muitas religiões, filosofias, organizações espiritualistas que não passam de ser conceitos puramente ideológicos quase sempre irrealizáveis, já que não são mais que uma projeção de seus desejos e aspirações.

A vida espiritual não é ideologia, não é fantasia da mente nem é em si uma projeção de algo íntimo em direção ao exterior, mas é uma participação ainda pequena mas íntima, essencial, verdadeira da alma com todo o existente.

A vida espiritual é a vida própria do homem, é a expressão do ideal que transforma no mundo todo modo de viver.

A alma, posta em contato com a vida espiritual, exige tudo de seu guia, quer suas experiências e as realizações de seu ideal. Entretanto, com esta exigência a alma penetra na alma do Orador e estabelece de per si um canal que lhe faz possível que ele transmita a Ensino.

O Orador deverá fazer o bem, comunicar sua ensino sem importar-lhe o destino da alma e sem especular se ela seguirá ou não seguirá na senda.

Ele deverá mostrar-se desde o princípio, capaz de comunicar a Ensino com uma base firme, própria e segura. Este método será a base de toda a vida espiritual futura do Filho.

Estes conceitos fundamentais os acrescentará o Orador com um estudo das almas através de seu contato com elas.

Ele procurará conhecer os complexos psicológicos do Filho que lhe há sido confiado.

Não se pode levar a uma alma até o céu se antes ela não descartou sua bolsa de pão de pobre, se ela não recobra sua tranquilidade e sossego interior, se está carregada de complexos de toda índole, psicológicos, fisiológicos, morais ou ancestrais. Pelas perguntas que a alma faz ao Orador este se transformará em investigador atento e, através delas, conhecerá o nível de seu estado interior.

O Orador apresentará a Ensinança com uma formação cultural adequada das matérias que vai tratar. Pela formação cultural dele as Ensinanças ganham o brilho do universal, tomam vida pela descrição dos lugares determinados e pelos exemplos e imagens narradas.

Ele terá sempre à mão exemplos gráficos e simbólicos para ilustrar a Ensinança, e conceitos adequados para contestar às almas quando estas se lhe solicitam.

A personalidade do Orador há de ser ante tudo fiel expressão da Ensinança de Cafh que o coloca nesse estado divino que lhe faz receptor e transmissor da Ensinança. Mas o Orador, aparte deste estado divino, pode aumentar naturalmente sua personalidade através de sua expressão de renúncia.

Isto do seguinte modo: ter influência sobre as almas sem fazer-se notar, estar sempre presente sem aparecer, saber impor-se sem usar de sua autoridade.

O Orador, ao não se fazer notar, se despoja de sua formação racial. É como se ele se esquecera realmente de seu eu para fazer-se unicamente o Orador. Alijado da função social que desempenha no mundo e de suas crenças religiosas, o Orador vive unicamente através da expressão de Cafh.

O Orador, ao não se fazer sentir, deixa na mente e no coração dos Filhos os conceitos fundamentais da Ensinança deixando que o tempo e que o reconhecimento interior, que os irá possuindo pouco a pouco, deem seus frutos. Por isso não usa a pressão sistemática, nem a ensinança sempre igual, nem a aplicação de determinados modismos, senão o Orador está sempre ali, ausente de si mesmo e dando-se impessoalmente às almas.

O Orador, ao não se fazer autoridade, acrescenta a valorização da autoridade divina que lhe há sido outorgada aos Filhos e debilita até a anular a autoridade terrena. O Orador se cede a si mesmo e encontra a autoridade real.

O Orador há de ser paciente e dinâmico, firme e tolerante, bom e justo.

O Orador, com a paciência, logra penetrar na alma pouco a pouco. Sabe-se positivamente que o Filho não abre seu coração de imediato. É necessária a paciência do Orador, que aguarda dia após dia, mas dinamicamente e sem cansar-se, até penetrar na alma e possuí-la.

O Orador há de ser firme em seus conceitos e em suas expressões, sem câmbios e sem titubeios. Se ele verte um conceito, há de mantê-lo e sustentá-lo contra toda crítica. Se for forçado a entrar em uma análise inspirada em problemas sobre os quais não tem domínio, deverá valer-se de todos os meios para manter sua posição. A alma sempre há de estar segura de que seu Orador tem o alimento espiritual que ela busca e necessita, e na hora adequada.

Assim mesmo o Orador há de ser tolerante com os mais lentos e incapazes, e com aqueles que têm falta de adaptação para com a Ensinança.

O Orador há de ser positivamente bom, mas dessa bondade serena e justa que não admite debilidades. Ele há de ceder-se a alma em um conceito de compreensão. Há de levar a ela e a seu coração a luz através não somente de seu conhecimento, senão do calor de seu sentimento.

A menor palavra dita com amor adquire um valor infinito aos olhos e ao sentir do Filho que a escuta.  
Então a Ensinança se transforma em fonte de vida e Realização Espiritual.

## **EXPOSIÇÃO DA ENSINANÇA**

### *13a. Ensinança*

O Orador há de ter uma preocupação constante para que a exposição da Ensinança tenha um resultado eficaz e positivo.

Ele há de apresentar-se à Ensinança com os conhecimentos da mesma e com uma ideia exata do que vai expor e de como o vai expor.

É necessário que ele tenha um método determinado e pessoal para que a Ensinança ganhe uma força viva e atual. Antes que tudo o Orador há de conhecer bem o texto da Ensinança. Tem que ter do texto não somente o conhecimento da leitura e do estudo do mesmo, mas seu conhecimento. Há de saber distinguir claramente quando o texto se refere aos conceitos fundamentais e invariáveis da doutrina de Cafh ou quando expõe conceitos gerais.

Cafh, se bem não impõe aos Filhos determinadas crenças, aparte da ideia única da necessidade indispensável da união da alma com Deus pela realização interior e a Renúncia, têm seus conceitos fundamentais e firmes que todos os Filhos acatam invariavelmente, seja por compreensão, seja por adesão.

É indispensável que os Filhos, mesmo respeitando e conhecendo as teorias e dogmas de outras filosofias, se mantenham firmes em sua própria cidadela como ponto de partida e de apoio.

O Orador há de conhecer muito bem os conceitos fundamentais de Cafh para saber diferenciar entre estes e os outros conceitos generalizados.

Seria um mau Orador se levara à Ensinança conceitos adquiridos através da leitura de livros que expõe ideias afins à de Cafh sem saber distinguir os matizes que os diferenciam da mesma.

Há de saber diferenciar, então, entre a doutrina de Cafh e as outras doutrinas, e ter conceitos bem claros e definidos especialmente sobre os conceitos de eternidade, divindade, ação e reação, devenir e ascética.

O Orador há de definir os conceitos fundamentais de Cafh em forma continuada, repetidamente, para que se imprimam na memória do Filho. Há de ensinar como extrair da Ensinança as definições que o texto expõe.

O Orador em seu discurso sobre os conceitos substanciais da Ensinança há de ter um método de exposição fiel e rigoroso, sem afastar-se o mais mínimo dele. Mas nos conceitos circunstanciais e derivados da ensinança descritiva, há de ter um método todo próprio e original. Sustenta a Ensinança com a base fundamental da doutrina, mas a tudo o que rodeia o mesmo o dá de um modo sempre novo, adaptado à circunstância, à capacidade dos Filhos que a escutam, a seu estado de ânimo e sentimento interior e ainda influenciando-o com os acontecimentos evolutivos do momento em que os expõe.

O Orador há de procurar que a alma sinta que se está enriquecendo ao receber a Ensinança, que sinta que um novo valor e uma nova potência moral e conceitual se forma em sua alma pela mesma.

Quanto mais faça o Orador para fomentar na alma este conceito de um constante enriquecimento, mais obterá nela o afeiamento de sua educação espiritual.

O Orador há de ter na exposição sempre recursos novos e não repetidos do mesmo modo.

## **OS BENS INTRÍNSECOS DE CAFH**

### *14a. Ensino*

Cafh não tem posses extrínsecas; tudo o que é necessário para o sustento e desenvolvimento das Obras de Cafh a elas somente lhes pertence; até mesmos os atributos e escritos de Ensinações são pertences privados dos Filhos e não pertencem a Cafh.

Cafh somente possui bens intrínsecos e este que em si não tem sentido como legislação, já que onde nada há, nada há que controlar, têm um sentido efetivo e direto como doutrina.

Cafh quer sempre levar os resultados das coisas a um campo ilimitado, quer transformar todas as necessidades e restrição humana em um resultado divino incalculável.

Cafh ao possuir somente bens intrínsecos faz que o Filho assente seus esforços sobre os bens reais que são somente os bens magnéticos, mentais, anímicos, espirituais imanentes. Mesmo como resultado humano, Cafh, ao renunciar aos bens extrínsecos pelos bens intrínsecos põe nas mãos dos Filhos uma incalculável fortuna de bens materiais para oferecer aos homens.

Cafh ensina assim continuamente aos Filhos a transladar os valores adquiridos, imediatos, conhecidos e compostos, a um campo magnético superior onde eles se transformam em valores transmutados, espaciais, desconhecidos, centuplicados, simples.

Mesmo as Obras de Cafh que necessitam de bens extrínsecos para seu desenvolvimento e os possuem dentro do termo comum da lei de propriedade, doutrinariamente não hão de possuir esses bens, senão usá-los. Isto sempre até que os mesmos representem uma figura, dentro da sociedade constituída, do ponto magnético local ao redor do qual se desenvolve a Obra de Cafh. Quando este fator há cumprido seu trabalho em um determinado lugar, pode ser que a Obra de Cafh deixe completamente o uso desse bem nas condições que seus dirigentes o creiam necessário.

Então, todas as posses que as Obras de Cafh usam para seu desenvolvimento, tem para elas um sentido de usufruto somente até que servem de ponto de referência para seu desenvolvimento exterior como ponto de contato entre as almas e Cafh e para as possibilidades de desenvolvimento exterior de ditas Obras.

Ainda se algum Filho não fora bem consciente deste bem e usara dos bens das Obras de Cafh em um sentido demasiado pessoal e com caráter possessivo, isto em nada incidiria sobre a tarefa das Obras de Cafh. Elas estão vitalizadas por Cafh e Cafh é um Corpo Místico dentro do qual o Filho e as Obras de Cafh permanecem, mas que não dá a realização nem ao Filho nem às Obras, já que a realização eles a alcançam com seus próprios meios, não através de um ato mágico sacramental, senão através de um ato divino humano.

Conhecer-se-á se as Obras de Cafh cumprem seu objetivo nesse sentido, pelos resultados, já que as Obras que manterão o sentido estrito do uso dos bens terão uma multiplicação de si no aspecto estético, dinâmico e expansivo. Seria o contrário se somente tivessem resultados acumulativos, restritivos e burocráticos.

Cafh, ao possuir somente bens intrínsecos, propõe ao mundo a única solução possível para os males econômicos que se baseia sobre a Mensagem da Renúncia.

Os bens que se guardam para a correta distribuição no momento oportuno são fonte de riqueza para os homens; mas os bens que se acumulam para especulação são causa de miséria para o mundo.

Ter sentido da Renúncia como bem social não é dar nada, senão transformar em bens intrínsecos, reais, o que sobra, e transformá-lo em fonte de riqueza futura para si e para todos com a consequente eliminação da pobreza, a infâmia, a mendicância.

Renunciar aos bens extrínsecos pelos bens intrínsecos é um deslocamento dos valores imediatos no tempo e no espaço, a um campo magnético dispositivo e dinâmico. Ainda o homem de negócios sabe que o lucro verdadeiro de uma atividade não é ganhar dinheiro, senão criar um cliente.

Não é o sentido de posse a causa da miséria do mundo, senão o sentido de posse unilateral o único mal. Ademais, esta doutrina não é para ser explicada mas para ser vivida.

A aquisição dos bens intrínsecos, entretanto, não é um bem de Renúncia, senão um passo para o Estado de Renúncia.

A renúncia aos bens materiais para si dá a posse de bens magnéticos, anímicos, espirituais imanentes e o uso ininterrupto dos bens materiais.

Mesmo os bens intrínsecos, em uma etapa de perfeição futura que já escapa aos alcances do Regulamento de Cafh, deverão ser transmutados em outros bens, bens sobrenaturais dos quais ainda não se conhece o nome.

## **TEMPO DIMENSIONAL E TEMPO EXPANSIVO**

### *15a. Ensino*

Renunciar é viver.

Renunciar é transcender o tempo dimensional para permanecer expansivamente no tempo em si.

Desde logo esta afirmação não tem sentido senão através da vivência da mesma. Para o Filho o sentido do tempo é o instante presente que abarca o passado e o futuro, segundo a intensidade expansiva dinâmica do próprio Filho.

O tempo dimensional traça uma trajetória positivamente real que começa e termina; a alma identificada com o tempo dimensional, começa e termina; mas se a alma, pelo ato voluntário da Renúncia permanece em si, não vai nem vem, não começa nem termina; é em si; não está identificada com o tempo dimensional; é o tempo em si.

A Renúncia libera a alma do tempo dimensional intelectualmente. Logo que a alma compreende o ilusório de todas as coisas, sua atitude mental muda o percurso unilateral de suas ondas mentais; simplesmente muda de modo de pensar, não se identifica continuamente com seus pensamentos que são para a alma os trilhos por onde corre o tempo dimensional.

A Renúncia libera a alma do tempo dimensional sensivelmente.

As almas empregam a maioria de seu tempo em atender às suas necessidades vegetativas, instintivas e racionais; a isto chamam ser livres, conhecer-se melhor, fazer o que lhes apraz ou não.

Isto não é mais que fazer-se escravos do tempo dimensional determinado pela tirania das muitas personalidades de que está dotada a alma. Pela Renúncia a alma se libera de suas vontades que a têm continuamente ocupada em percorrer os múltiplos caminhos secundários por elas traçados.

Pela Renúncia a mente vegetativa, sensitiva, racional, cumpre sua tarefa automaticamente, não pode já interferir na mente superior.

Pela Renúncia a mente fica em si concentrada, egoicamente, fora do tempo dimensional, na posse do tempo em si. Não muda seu sentir, senão seu sentir único se expande cada vez mais, continuamente.

A Renúncia libera a alma do tempo dimensional, finalmente, pela permanência da alma no êxtase do tempo em si, União Substancial com a Divina Mãe.

A Renúncia em si a conseguem os Filhos pela ascética mística da Renúncia através dos votos, a Ensino e o cumprimento do Regulamento e as normas estabelecidas.

O primeiro ato ascético de Renúncia que realiza o Filho é o juramento e o voto de Renúncia que o limita dentro do Raio de Estabilidade de sua Távola e de sua alma. A primeira Ensino que recebe é a de calar e escutar a voz dos Mestres, que o detêm e mantêm firme em uma atitude expectante. A primeira norma que lhe é dada é um método de vida diário que o ata ao tempo. Neste sentido, neste primeiro ato ascético,

atar-se ao tempo para liberar-se do tempo está o segredo do sucesso no Caminho Ascético Místico da Renúncia.

Se vence ao tempo dimensional identificando-se com ele, não dependentemente, senão transformando-o em si. Absorvendo ao tempo se apagam as linhas, muito tensionada ou muito frouxas da dimensão, e por intensidade de vivência o instante fugaz se transmuta na hora eterna; o tempo dimensional se transfigura no tempo expansivo, incomensurável.

## **TRANSMISSÃO DA MENSAGEM DA RENÚNCIA**

### *16a. Ensino*

A Mensagem da Renúncia se transmite no silêncio.

O silêncio encerra ao Filho no Raio de Estabilidade, o ajusta como um relógio à rotina da vida e o adapta, por rigidez exterior e imobilidade interior, ao ritmo automático da existência. A permanência adentra ao Filho em seu próprio coração até que descobre ali o Coração Celeste da Divina Mãe e sua presença se faz presença.

Desde seu coração egoente a presença do Filho adquire proporções imensas, incomensuráveis; é a responsabilidade da presença, é a expansão da presença, é a presença de todas as presenças.

O Filho por presença, conhece e ensina a Mensagem da Renúncia a todas as almas, pondo-se em contato com todas elas, conhecendo os problemas de cada uma delas.

A Mensagem da Renúncia se transmite às almas com a Fidelidade.

A Fidelidade dá ao Filho a resistência flexível e elástica que lhe permite dilatar-se até o infinito. O Filho pela fidelidade, que é a prática constante e ininterrupta da Ascética de Cafh, se submete ao Regulamento, cruza as diversas categorias das Távolas e dos Votos, experimenta as diversas facetas e altibaixos da experiência espiritual sem alterar-se, pacientemente, praticando e perseverando no cumprimento das virtudes negativas e de todos os deveres interiores e exteriores da vida espiritual, destrói seus corpos e personalidades e constrói seu Corpo de Fogo.

O Filho por sua resistência sobre humana de Fidelidade se faz participante. O Filho participa de todas as deficiências, de todas as necessidades, de todas as alegrias e os males das almas do mundo; também participa do estado de maior ou menor plenitude das almas que foram ou serão.

O Filho por participação prática e faz praticar a Mensagem da Renúncia a todas as almas dilatando-se dentro de todos os campos, de todos os tempos e de todas as coisas.

A Mensagem da Renúncia se transmite obedecendo.

O Filho, obedecendo, pulsa seu centro do vazio e se libera da escravidão de suas múltiplas personalidades.

A Obediência faz do Filho dependente de seus deveres, de seus Superiores; o Filho, ao responder a uma só diretiva, adquire o hábito continuado de controlar e conhecer as suas múltiplas personalidades e permanecer no conhecimento da essência de si, do próprio centro do vazio.

A Obediência estabelece um plano de harmonia entre o ser do Filho e suas múltiplas personalidades. O ser é o pai e as personalidades os filhos que atuam de comum acordo.

A Obediência faz que o Filho atue continua e conscientemente de acordo a seu próprio ser; as múltiplas personalidades estão absorvidas nele; atuam por sua iniciativa, sem quase fazer-se notar; o amante e o

amado são uma só coisa. O Filho suprime por obediência as teorias que impedem conhecer o referente ao segredo do absoluto e do relativo e outorga o conhecimento da dupla lei do ser e do não ser, unindo as duas pontas do fio reversivelmente em uma só verdade.

O Filho, obedecendo, vive a Mensagem da Renúncia e dá vida de Renúncia a todas as almas.

A Mensagem de Renúncia se transmite oferendendo-se, imolando-se, consumando-se.

O Filho que vive em União Substancial com a Divina Mãe não pode transcender na total plenitude se com ele não transcendem todas as almas.

O Filho vive divinamente, mas oferendendo-se para a redenção de todas as almas. O amor das almas não redimidas o consome, sua vida é um holocausto para alcançar a liberação de todas as almas.

Mais perfeição é dar perfeição.

O Filho é a Mensagem da Renúncia em todas as almas.

A Mensagem de Renúncia se transmite por perpetuidade até o fim dos tempos.

O Filho não é deste mundo, sua vida de Renúncia é toda de União, é toda Divina; divinamente unido no Coração Celeste da Divina Mãe com todas as almas.

O Filho não transcenderá até que as almas às quais se há oferendado, até que todas as almas, não estejam liberadas.

O Filho é em si e nas almas o Testemunho Simples da Mensagem da Renúncia.